

A sucessão depende da ação do governo

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Pânico, obviamente, não há, ao menos por enquanto. Mas é do engenheiro o nome mais pronunciado no governo por ministros, assessores e o próprio presidente José Sarney, sempre que se especula sobre o futuro. A Nova República teme o governador Leonel Brizola mais ou menos como as crianças temem a mula-sem-cabeça. Do que mais se fala é do perigo de as divisões partidárias, em especial na Aliança Democrática, favorecerem o caudilho, já a partir das eleições de prefeito de capital. O medo é o de que ele consiga eleger os candidatos do PDT não apenas no Rio de Janeiro, mas em Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte em mais alguma capital do Nordeste. A partir daí, ganharia condições para acelerar a campanha pela antecipação das eleições presidenciais como cortina de fumaça, quando na realidade estaria tentando ampliar as bases de sua campanha para 1988. Ele procuraria repetir a dose de vitórias, ou até aumentá-las, nas eleições de governador, conquistando as maiores bancadas no futuro Congresso e na Constituinte. Com isso...

Aqui se situa o erro da Nova República. Com isso, só, não adiantaria nada, Brizola seria, ainda, um entre muitos postulantes, e, mesmo no caso de algumas vitórias nos Estados, não contaria com máquina partidária do nível do PMDB e do PFL. Ele joga, na realidade, é com o fracasso do governo. Com o agravamento das tensões sociais e da crise econômica, fator dependendo exclusivamente da ação do governo. Em outras palavras, em vez de ficar intimidada, a Nova República precisaria confiar mais nela mesma. Dar menos ouvidos a hipotéticos temores e ter confiança em sua capacidade de realização.

Dando certo o governo Sarney, mesmo sem realizar milagres, será imbatível o candidato que afinal o representar nas eleições previstas para 1988. Não parece fácil reunir PMDB e PFL numa só candidatura presidencial, mas impossível não será. Ou não foi muito mais difícil e traumático realizar o entendimento responsável pela eleição de Tancredo Neves e José Sarney? Certas candidaturas ditas salvadoras só vicejam no caos e na intranquilidade, e a de Leonel Brizola não parece a única. Ou já não se fazem, em São Paulo e fora de São Paulo, raciocínios sobre vir a ser o ex-presidente Jânio Quadros o único antídoto capaz de neutralizar o governador fluminense? Contra a mula-sem-cabeça, procuram levantar o lobisomem em vez de simplesmente mandar as crianças jogar bola, fazer lanche ou ir para o colégio.

O importante a ressaltar é que, enquanto a Nova República não exorciza os fantasmas por meio de sua própria atuação (coisa por uns tempos até compreensível, pois foi implantada em 15 de março), Leonel Brizola tenta fazer o papel de Messias e de salvador. Ou busca ocupar esses espaços. Não é necessário desencadear nenhuma blitz contra ele, muito menos estabelecer frentes e pactos capazes de isolá-lo. Nem se-

quer sitiar o Rio de Janeiro. Basta deixá-lo envolto em seus próprios problemas, se a solução para os problemas nacionais puder ir sendo equacionada e implantada.

Porque, no reverso da medalha, também o PDT enfrenta problemas. Os exemplos multiplicam-se, no Congresso e no Estado do Rio, dos políticos aos sociais e econômicos. Os fatos falam por si.

Quanto à sucessão presidencial, está longe, ainda que certas pedras do xadrez político já se movimentem com vistas a ela. O ministro Aureliano Chaves, evidente aspirante a candidato, de vez em quando abre os braços e derruba algumas xícaras na cristaleira, preocupado em manter a invulgar posição que manteve até quase as vésperas da decisão sucessória passada. Não deseja repetir o erro anterior, que foi morrer (ou ser morto) na praia, deixando-se superar pela idiossincrasia do general João Figueiredo. Mais do que botar, nada vigorosamente e dá braçadas espetaculares, restando saber se seu fôlego vai durar. No PFL, outra hipótese é a do ministro Marco Maciel, que, sem ser mineiro como o companheiro-adversário, prefere trabalhar em silêncio, mas com competência. Não se chocaram, ainda, mas é possível que isso aconteça quando for hora de cuidar da direção permanente do novo partido, ainda sem registro definitivo.

No PMDB, ironicamente a maior legenda nacional, o processo não surge tão claro. Obviamente que Ulysses Guimarães é o candidato natural, apesar de contestações residuais feitas a sua recondução para a presidência do partido. Necessitará ultrapassar obstáculos dos mais difíceis. Em 1989, data da presumida posse do novo presidente, estará com 72 anos, e o trauma dos acontecimentos verificados com Tancredo Neves poderá prejudicá-lo, apesar de alhos nada terem que ver com bugalhos. Afinal, Adenauer, Churchill, de Gaulle, João XXIII, Gandhi e tantos outros estadistas de tempos recentes chegaram ao apogeu de sua capacidade e prestaram a seus países os maiores serviços depois de ultrapassar as sete décadas. Se o raciocínio for utilizado contra Ulysses, não há dúvidas de que valerá, também, contra Franco Montoro, doze meses mais velho do que ele. E o PMDB ficará sem opções definidas. Fala-se de Fernando Henrique Cardoso, mas, além de precisar vencer as eleições para prefeito de São Paulo, agora, ele precisará enfrentar prevenções que o ligam aos setores mais à esquerda. Paulo Brossard seria uma opção, caso, da Consultoria Geral da República, que assume esta semana, fosse reconduzido ao Senado, no ano que vem, ou se, até antes, viesse a ocupar o Ministério da Justiça, com a destituição de Fernando Lyra.

Apenas se falhar a equação natural desenvolvida pelo PMDB e pelo PFL, adensar-se-á a sombra maniqueísta de uma sucessão disputada entre Leonel Brizola e Jânio Quadros, vídeo-teipe desatualizado de luta ideológica travada 25 anos atrás. Que o País, sinceramente, não merece ver de novo.

C.C.